

Foucault e os laços da linguagem com a morte: o desvio morfológico em Roussel

Tomás Prado¹

Resumo: O livro *Raymond Roussel*, de Foucault, é marcado por um conflito, decisivo para o seu pensamento, entre duas experiências de linguagem. A primeira, possivelmente herdada de Hölderlin e Heidegger, sobrecarrega a obra de Roussel com um pensamento intruso. A segunda, propriamente a de Roussel, desperta uma concepção renovada, que será desenvolvida em *As palavras e as coisas* e lhe conferirá um lugar de destaque no cânone de estudos filosóficos da linguagem. Entre estas duas experiências, trata-se de reconhecer, sob o prisma da linguagem, as relações do tempo e do espaço com a morte.

Palavras-chave: linguagem – espaço – morte – tropo

Abstract: The book *Raymond Roussel*, by Foucault, is marked by a conflict between two language experiences that will be decisive in his thought. The first, inherited from Hölderlin and Heidegger, overloads the work of Roussel with an intruder thought. The second, properly Roussel's one, gives him the bases for a unique conception of language that will be developed in *The order of things* and will led Foucault to a prominent place in the canon of philosophical language studies. Between these two experiences, it is about to acknowledge, through the prism of language, the relationship of time and space with death.

Key-words: language – space – death – trope

1. Limites e desvios de uma crítica

Em 1962, é lançado *Raymond Roussel*, de Michel Foucault. A capa da edição brasileira publicada em 1999, da Forense Universitária, é perspicaz. Ela indica a seguinte estrutura:

Raymond
Michel
Raymond Roussel
Foucault
Roussel

Um leitor tomado por alguma imaginação talvez encontre com estranha propriedade o título: *Raymond Michel Raymond Roussel Foucault Roussel*.

¹ Professor de Filosofia da Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo. O presente trabalho fez parte de uma pesquisa de doutorado defendida na PUC-Rio e parcialmente realizada na Université Paris I Panthéon-Sorbonne, com o apoio do CNPq e da Capes. (prof.tomasprado@usjt.br)

Seria um poema concreto, como uma alusão ao trabalho de Roussel? Seriam coautores? Onde está delimitado o título da obra? Reestruturado pelo uso dos parênteses, artifício importante para Roussel, entrevê-se a fórmula que, ao contrário daquele devaneio prévio, como pretendemos demonstrar, é assaz precisa:

(Raymond (Michel (Raymond Roussel) Foucault) Roussel)

Foucault se volta a Raymond Roussel com base no modo como seu pensamento foi contido, já atravessado, pela obra, pelo pensamento de Roussel. Porém, entre o Roussel que é autor e o Roussel que é objeto de análise, a mediação de Foucault inflige um desvio. O que nos interessa pensar é o desvio, a apropriação que transforma a obra e, portanto, também a crítica como análise dos limites de uma leitura.

Em primeiro lugar, é importante notar que a questão da autoria pressuposta no contexto de 1962 não é a mesma que encontramos, em 1969, na famosa conferência “O que é um autor”, quando o foco é o conjunto dos casos em que a autoria é uma função que dá *status* aos discursos: “Sem dúvida, a esse ser de razão, tenta-se dar um *status* realista. Seria, no indivíduo, uma instância ‘profunda’, um poder ‘criador’, um ‘projeto’, o lugar originário da escrita.” (FOUCAULT, 2009, p. 276). No texto de 1962, não se trata de analisar a autoria como função do discurso, a qual distingue do falatório ordinário o que merece receber atenção, ser comentado e ser preservado do esquecimento. Tampouco se trata de reconhecer o autor como “um ser de razão”, que tem acesso a uma realidade outrora velada na ignorância dos antepassados, que profere discursos formadores de um saber efetivo, no qual outros especialistas encontrarão amparo para os seus próprios discursos. No início da década de sessenta, enquanto se dedicava a pensar o ser da literatura, portanto, mais a decifrar a linguagem do que a descrever as práticas discursivas, Foucault investigou os autores que flertaram com a loucura, especialmente Hölderlin e Roussel. O ser de razão poderá ser compreendido, no trabalho de 1969, como uma função atribuída pela sociedade porque foi antes desmistificado em sua soberania em favor de uma experiência mais fundamental, anterior à divisão entre razão e loucura – experiência extraordinária que, tal como fora analisada em *História da loucura* e em diversos outros trabalhos daqueles anos, concerne aos modos de acesso à excelência da linguagem.

De 1962, é também o artigo “O não do pai”, sobre Hölderlin. Há tantas familiaridades entre os dois trabalhos, que é preciso questionar se não pertencem a uma mesma trama. Se a hipótese procede, o provável é que seja o trabalho sobre Hölderlin, mais evidentemente enraizado em uma tradição de pensamento filosófico sobre a linguagem, sobretudo em diálogo com Heidegger e Blanchot, do que o contrário, que Foucault tenha tomado a obra de Roussel como prisma para a compreensão de Hölderlin. Em Roussel, encontramos uma obra em grande medida oposta a Hölderlin – o que faz com que o texto de Foucault sobre Roussel seja um trabalho carregado de outro arcabouço de pensamento, oriundo de uma experiência poética distinta. Assim, se em parte a crítica de Foucault já está contida entre a obra de Roussel e o modo como o pensamento do próprio Roussel o influencia – como se Foucault fosse um meio de devolver o autor à sua obra, de duplicar e intensificar a experiência do poeta –, ele também interfere, transforma, desvia a obra em direção a uma outra.

O Roussel da análise de Foucault deve ser destacado, senão pela verdade da própria obra de Roussel, ao menos pelo reconhecimento das intervenções de Foucault. Trata-se de revelar os pontos comuns que supostamente aparecem no poeta depois de já terem comparecido em Foucault e ver que conceitos são duplicados em Roussel sem terem sido escritos por ele, pertencendo, portanto, ao comentário ou à crítica – aos limites e aos desvios – de Foucault.

Roussel escreveu um texto que se volta aos seus escritos anteriores com o fim de esclarecer os velhos segredos. *Comment j'ai écrit certains des mes livres* é uma resposta aos críticos que se enganaram, que não souberam ver o que ele fazia. Nesse livro, o empreendimento de Roussel é o esclarecimento de sua escrita, uma tentativa de ocupar ele próprio o lugar deixado vago pela crítica. O trabalho de Foucault, contudo, não é uma interlocução poética; tampouco pretende devolver, aos segredos decifrados pelo autor-crítico, outros de sua parte, mas é imprescindível notar que ele tampouco se atém ao que está delimitado pela obra de Roussel. Há uma apropriação e um deslocamento em direção a uma filosofia pré-concebida, que afirma que o risco não é deixar passar os segredos da escrita de Roussel, mas não reconhecer a sua morada, o ser da linguagem.

“A impossibilidade, aqui, de decidir, liga todo discurso sobre Roussel não apenas ao risco comum de se enganar, mas àquele, mais refinado, de sê-lo. E de ser enganado menos por um segredo do que pela consciência de que há segredo.” (FOUCAULT, 1999, p. 3). Segundo Foucault, quando a análise contorna a linguagem caímos em uma cilada, pois, antes de decifrar o segredo, o primeiro passo é descobrir onde ele habita, e o filósofo dirá: não na consciência, mas na linguagem. Se não houvesse segredo, não seria preciso para nenhum dos dois escrever livros com o propósito de esclarecê-los, mas, para Foucault, não é nenhum procedimento subjetivo, nenhum ato de consciência que poderá resolver os enigmas da obra. Ao confrontar o risco de ser enganado, antecipando-se – até mesmo ao segredo que não há em Roussel, o da análise das diferenças entre a consciência e a linguagem – o texto do poeta corre o risco de se tornar apenas pretexto para a demonstração do que já fora previsto. Por esses procedimentos, que são os de Foucault e não os de Roussel, ele vai tecendo seus primeiros comentários, os quais consistem em inferir qual seria a filosofia subjacente à obra de Roussel.

É necessário escutar o que diz Roussel: “le procédé, em somme, est parent de la rima. Dans les deux cas, il y a création imprévue due à des combinaisons phoniques. C'est essentiellement un procédé poétique”. Poesia: partilha absoluta de linguagem, que a restitui idêntica a si mesma, mas do outro lado da morte: rimas das coisas e do tempo. Do eco fiel nasce a pura invenção do canto. (FOUCAULT, 1999, p. 47)

O que nos impediria de assumir, seguindo a orientação de Foucault, que o segredo ou a filosofia subjacente à obra de Roussel esteja presente em qualquer obra poética? O primeiro fala de “criação imprevista”, pela “rima”, de “combinações fônicas”. E o segundo fala de “rimas das coisas e do tempo”, diz que “do eco fiel nasce a pura invenção do canto”, “partilha absoluta” da linguagem, “do outro lado da morte”. Há, portanto, diferenças significativas entre os dois, as quais serão posteriormente reconhecidas pelo próprio Foucault.

Recobrando a imagem, em Hölderlin muito expressiva, da linguagem como uma fonte,

Foucault afirma que há em Roussel a dinâmica da dupla esfera, da superfície e de sua experiência originária. É preciso reconhecer tal compreensão de linguagem como uma experiência alegórica. Nesta, o discurso vela a sua matriz, o seu condicionante oculto, segundo Foucault, “ocultando, sob pretexto de revelação, a verdadeira força subterrânea de onde jorra a linguagem.” (FOUCAULT, 1999, p. 6). Assim, todas as lacunas e a própria ideia de que há lacunas, entre o significante e o significado, entre a expressão e aquilo que é expresso, entre a superfície alegórica e o sentido que a carrega, serão, depois de inferidas, exploradas: “As lacunas entre as palavras tornam-se fonte de uma riqueza inexaurível.” (FOUCAULT, 1999, p. 31). O que deveremos observar é qual o estatuto dessa fonte, se sua riqueza consiste na presença de um sentido ao mesmo tempo resguardado e mais elevado ou se, ao contrário, na proliferação de sentidos inesperados.

Junto ao Hölderlin que, de nossa parte, entrevemos na leitura de Foucault, encontramos a experiência heideggeriana de linguagem, um pensamento também dedicado à relação entre linguagem e origem e que, possivelmente, terá servido como o primeiro mediador entre Foucault e Hölderlin. Conforme as palavras de Foucault: “Na linguagem, o único elemento aleatório sério não é o dos encontros internos, é o da origem. Acontecimento puro que está ao mesmo tempo na linguagem e fora dela porque forma seu limite inicial.” (FOUCAULT, 1999, p. 33). A origem é o único acontecimento aleatório porque, depois dela, tudo passa a estar interligado, passa a pertencer, como diz Heidegger, a uma saga,² ou ainda, como encontramos no *Hipérion* de Hölderlin, a um eco, no qual o que diz o poeta ou o herói *Hipérion* não é mais do que uma resposta a um apelo que de longe o alcança, persistente e radical.

De resto, esse século se me afigura como o tonel eternamente vazio das Danaides, e minha alma jorrou esbanjando amor para preencher todas as lacunas. Então não vi mais nenhuma lacuna, e o tédio da vida não mais me oprimiu. Nunca mais disse então à flor, “você é minha irmã!”, e às fontes, “somos da mesma espécie!”. Fielmente, como um eco, dei a cada coisa o seu nome. (HÖLDERLIN, 2003, p. 46-47)

É em Hölderlin que o ser, albergado desde sua origem na linguagem, é dito, em sua forma poética por excelência, “eco”. Encontramo-lo também no Roussel que pertence a Foucault, junto do que há de “secreto” e do que está “mudo”, adjetivos característicos de tal experiência alegórica de linguagem que supomos ter sido projetada:

Para além e aquém daquilo que fala, são a linguagem rimando com ela mesma: repetindo o que do passado vive ainda nas palavras (matando-o pela figura simultânea que forma), repetindo tudo que é silencioso, mudo, secreto, no que é dito (e fazendo-o viver numa visível imagem). Rima que se torna eco em torno do momento ambíguo em que a linguagem é ao mesmo tempo morta e assassina, ressurreição e abolição de si mesma; aí a linguagem vive de uma morte que se mantém na vida, e sua própria vida se prolonga na morte. (FOUCAULT, 1999, p. 45)

² “Condizendo, o dizer dos mortais é uma resposta. Toda palavra já é resposta: é um contradizer, um vir ao encontro, um dizer que escuta. O ser e estar apropriado dos mortais para a saga do dizer libera o vigor humano para a recomendação de que o homem se faz necessário para trazer o sem som da saga do dizer para a verbalização da linguagem.” (HEIDEGGER, 2004, p. 24)

Não somente um trabalho de crítica literária, o livro de Foucault sobre Roussel é em grande medida um texto teórico sobre a linguagem e, mais especificamente, sobre a relação que ela nutre com a morte. Dessa relação surgem as duas possibilidades subjacentes nesta análise e que Foucault surpreendentemente parece querer conciliar. Como veremos, no entanto, Roussel não escreve a sua poesia escutando o chamado silencioso da linguagem, atendendo à sua origem, como indica um aspecto da análise de Foucault. Ao contrário, ele a escreve compondo o aleatório a procedimentos metódicos que multiplicam elementos e expressões do cotidiano, do falatório – daquilo que, em Hölderlin, é a linguagem desperdiçada. É este choque que se torna patente pelo esforço de Foucault em acomodar duas referências tão distantes em um mesmo livro, antes que ele próprio – conforme encontramos no prefácio de *As palavras e as coisas* –, faça uma escolha em prol da segunda, da experiência de Roussel, que, ao contrário da relação que vemos em Hölderlin e Heidegger da linguagem com o tempo, como um desdobramento contínuo de uma mesma origem, confere primazia à relação da linguagem com o espaço e suas discontinuidades.

A morte, efetiva na face biográfica de sua análise sobre Roussel ou transfigurada em tantas metáforas, é o cerne do conflito subjacente à leitura de Foucault, pois, se para a experiência moderna, aquela de Hölderlin e Heidegger, a linguagem é, em contraposto ou em substituição da metafísica, a experiência que vence a morte, aquilo que, além de nossa mortalidade individual, nos une e sobrevive entre nós – e nisto consistiria a sua afinidade com a experiência do tempo mais ativa do que os esforços historiográficos –, ela representa também o limite. Na experiência de Roussel, em vez de sobrepujado, o limite abraçado promove o novo. Em Roussel, não se busca sobreviver à morte. Implica-se a morte às formas do novo não por uma nova resposta ao chamado do ser, por um conhecimento de sua origem e das múltiplas respostas dadas, mas pela ruptura e pelo desvio do que o cotidiano dispõe. A linguagem como estância de um mesmo apelo na variabilidade do tempo dá lugar ao horizonte de variação do presente, de momentos desconexos e da lida com os seus respectivos limites. Esta é a grande relevância de ver a outra borda da linguagem, onde está Roussel, não Hölderlin: “Roussel inventou máquinas de linguagem que não têm, sem dúvida, fora do procedimento, nenhum outro segredo além da visível e profunda relação que toda linguagem entretém, desata, retoma e indefinidamente repete com a morte.” (FOUCAULT, 1999, p. 45). O problema consiste em como, e com que direito, se pode implicar essas duas formas de decifrar o segredo que habita o encontro da linguagem com a morte. Em um texto, dois trabalhos, duas referências: a intrusa e a figura ainda enigmática de Roussel.

2. Limites e desvios na morte

Nos *Ditos e escritos*, de Foucault, encontramos uma variação do primeiro capítulo do livro *Raymond Roussel*, denominado “O umbral e a chave”, publicada sob o título “Dizer e ver em Raymond Roussel”. Nele lemos passagens que faltam no livro, entre as quais destacamos esta extraordinária síntese: “A morte e a linguagem aqui são isomorfias.” (FOUCAULT, 2009, p. 8).

O ano de 1962, ao menos até *O Nascimento da clínica*, em 1963, é um período marcado pela temática da proximidade entre a linguagem e a morte, temas sugeridos por Bataille

e que, juntos da transgressão, terão reverberações extensas e profundas no pensamento de Foucault. Além da versão alternativa do primeiro capítulo de *Raymond Roussel*, encontramos no período mais dois artigos que tratam da temática, ainda que não conduzam o problema da mesma maneira. São eles os textos “Prefácio à transgressão” e “A linguagem ao infinito”. Reunidos, esses trabalhos apresentam variações do tema: a linguagem e a morte.

Em “Prefácio à transgressão”, escrito em homenagem a Bataille, Foucault afirma que a reflexão sobre o ser da linguagem começou como resposta a Kant, pela dedicação da crítica a investigar os limites entre o que se pode e não se pode conhecer. “Pode-se sem dúvida dizer que ele nos vem pela abertura praticada por Kant na filosofia ocidental, no momento em que ele articulou, de maneira ainda bastante enigmática, o discurso metafísico e a reflexão sobre os limites da nossa razão.” (FOUCAULT, 2009, p. 35). Se o conhecimento fica a partir de então *a priori* delimitado, caberá à linguagem o trabalho de transgressão.

Os limites impostos ao sujeito do conhecimento por Kant são transfigurados na tarefa transgressora da linguagem, a qual, no entanto, permanecerá implicada à finitude. A transgressão dos limites do conhecimento pela linguagem, na visão de Foucault, implica o sujeito ao limite da morte. Duas tarefas especialmente relevantes para o pensamento heideggeriano – a analítica do Dasein como ser para a morte, em *Ser e Tempo*, e o estabelecimento do primado da linguagem sobre o humanismo – encontrariam, assim, um solo comum, o pensamento crítico kantiano. A respeito de Kant, Foucault afirma: “‘Embaraço com palavras’: Talvez ele defina o espaço de uma experiência em que o sujeito que fala, em vez de se exprimir, se expõe, vai ao encontro de sua própria finitude e sob cada palavra se vê remetido à sua própria morte.” (FOUCAULT, 2009, p. 46).

Ao menos para o pensamento dedicado à linguagem, tal transgressão é duplamente marcada por uma espécie de êxtase, na medida em que nele se trata de um abandono do primado do sujeito, da perda de sua soberania, de sua elidicção, mas também do sentido de uma experiência arrebatadora, que nos atravessa e nos convoca – nos enleva e nos submete.³ Entre os pensadores que investiram nessa concepção de linguagem, Foucault se destaca pela especial relevância que dá a esse segundo aspecto. Dele se poderá melhor compreender o interesse, sob a influência ainda de Bataille, pela questão da sexualidade como “experiência-limite”, presente já nos primeiros anos da década de sessenta. Nesse texto, ele explora as semelhanças da sexualidade com a morte, como na descrição que abaixo transcrevemos de um orgasmo – *petit mort*.

Arrancado do lugar do seu olhar, revirado em direção à sua órbita, o olho agora não derrama mais sua luz senão em direção à caverna do osso. A revulsão do seu globo não trai tanto a “pequena morte” quanto a morte mesma, da qual ele faz a experiência lá mesmo onde ele está, nesse jorro que o faz oscilar. (...) O olho revirado descobre a ligação da linguagem com a morte no momento em que representa o jogo do limite e do ser.

3 “Que seja suficiente hoje em dia nos perguntarmos que obstinada linguagem não discursiva é essa que irrompe há quase dois séculos em nossa cultura, de onde vem essa linguagem que não é acabada nem sem dúvida senhora de si, embora seja para nós soberana e nos domine, imobilizando-se às vezes em cenas que se costuma chamar de ‘eróticas’ e subitamente se volatilizando em uma turbulência filosófica na qual parece perder o chão”. (FOUCAULT, 2009, p. 36).

(FOUCAULT, 2009, p. 42).

A questão enfrentada desde Kant sobre o limite será também trabalhada em “A linguagem ao infinito”. O texto começa com Foucault citando um imperativo de Blanchot: “Escrever para não morrer.” (FOUCAULT, 2009, p. 47). Não uma tarefa de transgressão apenas dos limites impostos sobre o conhecimento, trata-se de limitações que presumivelmente devem se estender sobre toda a experiência, que só podem ser reunidas sob o signo da morte. Aqui a questão é a sobrevida. Mesmo os infortúnios viriam cumprir um papel importante contra o naufrágio no esquecimento. Porque transgridem a medida que eles próprios estabelecem para o agir, precisando sempre se superar, os homens têm o que contar e o que lembrar. “É possível, como diz Homero, que os deuses tenham enviado os infortúnios aos mortais para que eles pudessem contá-los.” (FOUCAULT, 2009, p. 47).

Interessa questionar em que medida Foucault promoverá em *Raymond Roussel* uma torção na relação, então já tradicional, entre a linguagem e a morte, pois a linguagem no sentido do tesouro de narrativas desde os *aedos* até a concepção moderna de uma saga de questionamento do ser, anterior e transgressora perante os limites do conhecimento, é a arma de combate dos homens contra o esquecimento na morte. “Talvez a configuração do espelho ao infinito contra a parede negra da morte seja fundamental para toda linguagem desde o momento em que ela não aceita mais passar sem vestígio.” (FOUCAULT, 1999, p. 48). Como é possível compreender a formulação de que há uma linguagem que “não aceita mais passar sem vestígio”? Não é a linguagem o vestígio das formas singulares da vida contra o aplainamento da morte?

Transgressora dos limites do conhecimento porque lhes precede e lhes dá sua mais profunda condição de possibilidade; tesouro da memória dos feitos extraordinários dos homens, que tornam dignas as suas mortes; ou, radicalmente distinta, em Roussel, quando a seu respeito Foucault afirma que “a linguagem e a morte são aqui isomorfas”. Sem estar contraposta à morte, nem servir de recompensa contra as ameaças da transitoriedade e de tudo que ela carrega em seu enxurro, que é o que determina a égide do tempo, a linguagem e a morte se tornam isomorfas quando se trata da imposição de distâncias e da ampliação das formas de alteridade – égide do espaço.

3. A linguagem do espaço

Com estas palavras, Roussel inicia o seu último livro: “Je me suis toujours proposé d’expliquer de quelle façon j’avais écrit certains de mes livres.” (FOUCAULT, 1999, p. 2). Findo o projeto, o último legado, ele comete suicídio.

Teria ele sempre considerado esclarecer o “como”, o mecanismo revelador do sentido não decifrado pela crítica? E se o tivessem alcançado?

De todo modo, a obra foi cumprida; o livro é póstumo. Foucault enfatiza: “Roussel, cuja linguagem é de grande precisão, disse curiosamente de *Comment j’ai écrit certains de mes livres* que se tratava de um texto ‘secret et posthume.’” (FOUCAULT, 1999, p. 4). O segredo foi nutrido até a hora da despedida, quando achou-se por bem revelá-lo, mas

ocorre também que, antes de estabelecer uma relação com a sua morte, ele já estabelecesse uma relação com a morte. Tratemos não mais dos desvios nos procedimentos de Foucault, mas do trabalho de Foucault sobre os procedimentos de desvio em Roussel – do que há neles de “secreto e póstumo”, e original.

Para apresentar o “procedimento” de Roussel, a referência mais esclarecedora não é mais uma vez tirada por Foucault de um texto do próprio Roussel, mas de um conhecimento explorado pelos gramáticos do século XVIII, mais especificamente de Dumarsais, conhecimento da “maravilhosa propriedade da linguagem de ser rica de sua miséria” (FOUCAULT, 1999, p. 12):

Foi preciso necessariamente fazer as mesmas palavras servirem para diversos usos. Notou-se que este expediente admirável podia dar ao discurso mais energia e mais atrativo; não se deixou de transformá-lo em jogo, em prazer. Assim, por necessidade e por escolha, as palavras são às vezes desviadas de seu sentido primitivo, para adquirir um novo que dele se afasta mais ou menos, mas que, no entanto, tem mais ou menos relação. Este novo sentido das palavras se chama sentido tropológico, e chamamos tropo esta conversão, este desvio que o produz. (FOUCAULT, 1999, p. 13)

Os estudos da linguagem em Foucault devem abranger a tropologia – espaço de desvio. Devem retornar para encontrar Roussel, que deverá, na leitura de Foucault, incorporar Hölderlin, a bem da verdade desviando-lhe o seu sentido de linguagem. E esse novo sentido, que é o de Roussel, nós encontramos sua formulação precisa nos gramáticos do século XVIII, anteriores a Hölderlin.

Tratava-se, naquela investigação da gramática, de outro modo de preservação da palavra – não o seu sentido original, mas, na materialidade de seus limites, o surgimento e o valor do sentido alternativo. A palavra não é, então, como para a filologia, o ente precioso que preserva o sentido das agruras da passagem do tempo; é o ente precário que, incapaz de multiplicar-se com as coisas, de atender às singularidades, delimita um espaço de repetição. O sentido não é o vestígio remoto que precisa ser recuperado; tampouco é a referência primeira de um signo arbitrário. Pela restrição dos signos é que surge a riqueza da relação, da proximidade entre todas as coisas que, em suas singularidades, fora da linguagem, estariam abandonadas à dispersão, no isolamento do puro espaço sem limites.

“Não é o ‘sentido’ que falta, mas os signos que só significam, no entanto, devido a essa falta.”(FOUCAULT, 1999, p. 146). Fora da linguagem as coisas são constrangidas, pelas associações do pensamento, à ontologia do tempo eterno, metafísica, na forma do conceito. Na linguagem sob a égide do tempo, são constrangidas a uma saga do mesmo, aos laços que as comprometem com o passado. Em ambas, trata-se de um privilégio do sentido radical, originário, que deve orientar o âmbito frugal, contingente, verdadeiramente transitório, senão arbitrário no qual nos encontramos ameaçadoramente presos. Trata-se, para essas formas de pensamento que predominantemente ainda nos dominam, de encontrar alguns pontos de amparo, elementos em que o ser balize a fragilidade da vida. Mas e se a linguagem for, por um constrangimento inverso, o âmbito de nosso exílio, de nosso êxodo, porque não temos acesso ao ser, porque os conceitos não fazem justiça ao mundo, e tudo o que resta é

justapor as coisas umas ao lado das outras, em uma rede de similitudes? Quando o ser elege as propriedades da singularidade e da diferença, dá-se uma incompatibilidade com aquela linguagem que fora entendida como eco ou como saga do mesmo. Por um momento, essa incompatibilidade provocou em Foucault a malfadada pretensão de compor essas duas experiências distintas com a linguagem, mas o importante é que ele a tenha reconhecido: “No momento em que o tempo retorna a si mesmo e à linguagem primeira, esta derrapa na diferença das significações” (FOUCAULT, 1999, p. 18). Por fim, sem reconciliação, será na derrapada, no primado do desvio que residirá tanto a miséria quanto a beleza. “Se a linguagem fosse tão rica quanto o ser, ela seria o duplo inútil e mudo das coisas; ela não existiria. E, no entanto, sem nome para nomeá-las, as coisas permaneceriam dentro da noite.” (FOUCAULT, 1999, p. 145).

Se na linguagem as relações se proliferam, seus elementos, os signos, são, porém, restritos. Não se trata da proteção do vestígio contra a proliferação, mas da riqueza da proliferação pelo desvio. Roussel, em vez de buscar meios de contornar a precariedade dos signos, já reconhecida no século XVIII, a explorará, encontrando nas formas da finitude, da restrição, sem esperar retirá-las de sua miséria, uma forma de produção poética – “sua essencial e maravilhosa pobreza reconduz a si mesma, dando-lhe seu poder de metamorfose: dizer outra coisa com as mesmas palavras, dar às mesmas palavras outro sentido.” (FOUCAULT, 1999, p. 82). Porque a linguagem é precária, ela produz duplos; ela é obrigada a repetir-se; ela precisa circular e, ao retornar, ela se multiplica.

A experiência de Roussel se situa no que se poderia chamar “o espaço topológico” do vocabulário. Espaço que não é inteiramente o dos gramáticos, ou melhor, que é o espaço mesmo, mas tratado de outra maneira; ele não é considerado como o lugar de nascimento das figuras canônicas da palavra, mas como um branco disposto na linguagem, e que abre no interior mesmo da palavra seu vazio interior, desértico e cheio de armadilhas. Este jogo que a retórica se aproveitava para fazer valer o que ela tinha a dizer, Roussel o considera em si mesmo, como uma lacuna a estender o mais amplamente possível e a medir meticulosamente. (...) Ele não deseja dobrar o real com outro mundo, mas nos redobramentos espontâneos da linguagem, descobrir um espaço insuspeitado e recobri-lo com coisas nunca ainda ditas. (FOUCAULT, 1999, p. 13).

O capítulo de Foucault se chama “As bandas do bilhar”. As mesas demarcam os limites, mas suas bandas multiplicam as jogadas. Roussel saberá utilizá-las para acertar suas lacunas. Foucault afirma: “O ‘procedimento’ não comandaria as obras até sua figura mais central; dela seria apenas o umbral, ultrapassado desde que traçado, rito de purificação mais de fórmula arquitetônica.” (FOUCAULT, 1999, p. 7). Ultrapassar o umbral, o limite, não é escapar da mesa, mas estabelecer um jogo, utilizar o retorno – sabemos que o retorno já não é a reprodução do mesmo, mas a abertura de novas possibilidades. A reação jamais reproduz a ação e o que importa é, sobretudo agora, os restos que ampliam o espaço. Na linguagem, esse limite, o umbral, que é também a morte, transfigura o retorno. Roussel irá mapeá-lo não onde ele se dispersa, mas nas pequenas diferenças, nas variantes mínimas, em que o retorno é, ao mesmo tempo, signo da diferença e signo do mesmo. Não para “dobrar o real” à maneira da metafísica, “com um outro mundo”, mas para, “nos redobramentos espontâneos da linguagem”, no

espaço que, no lugar de nos servir de modelo, é “insuspeitado”, poder recobri-lo simplesmente de “coisas nunca antes ditas”. Tampouco esse universo estranho será atribuído a um país distante, como a China evocada no prefácio de *As palavras e as coisas*. Na verdade, esses estranhos parentescos emergem do cotidiano, do que está mais próximo: “Longe de ser uma linguagem que procura começar, é a figura segunda das palavras já faladas.” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

“le pépin du citron, le pépin du mitron; le crochet et le brochet; sonnette et sornette; la place des boutons rouges sur les masques des beaux favoris blonds; la place des boutons rouges sur les basques etc.” (...) Este minúsculo desvio morfológico (ele não falta nunca, e não há jamais senão um por frase), Roussel o dá como essencial.⁴

Roussel nos apresenta uma experiência em que, de modo alternativo à enciclopédia chinesa, de Borges, que reúne o alheio escandalizando o pensamento, o espaço reúne os desvios. A linguagem do espaço é aqui o lugar das formas e dos desvios morfológicos, que, em si mesmos, justamente lembram o que ela, além dos desvios, é sempre: encontro, repetição em seus diversos graus – do mesmo, da identidade, do semelhante e da diferença. Se as diferenças forem plenas; se elas se ignorarem, então escaparão da linguagem e não se poderá reconhecê-las senão na ontologia da diferença, lugar da representação, das ideias e dos conceitos. Aqui trata-se do direito à semelhança, de rimas e versos, e do modo como o essencial pertence ao que se assemelha. É, assim, que mesmo o aleatório pertencerá, em Roussel, ao “procedimento”, antes que Foucault interrogue, em *As palavras e as coisas*, a monstruosidade do pensamento – que Roussel já havia, a seu modo, lhe ensinado: a conformidade arbitrária dos signos e dos versos.

A repetição só é procurada e encontrada a partir desta ínfima diferença que induz paradoxalmente à identidade; e assim como a antifrase se deslizou na linguagem pela abertura de uma minúscula diferença, ela mesma só pode mover suas palavras idênticas a partir de uma decolagem quase imperceptível. A repetição e a diferença estão tão bem intrincadas uma na outra e se ajustam com tanta exatidão que não é possível dizer o que é anterior e o que é derivado; este encadeamento meticuloso dá a todos estes textos lisos uma súbita profundidade em que sua banalidade de superfície parece necessária. (FOUCAULT, 1999, p. 21).

O capítulo é agora “Rima e razão”. O título coloca em questão qual será o critério adotado por Roussel para produzir a aproximação do aleatório. Pode ser o mínimo desvio morfológico, como vimos, mas pode ser também o som, pois a rima é uma aproximação do que, a princípio, surge aleatoriamente: “J’ai du bon tabac (Eu tenho bom tabaco)” e “J’aide une bonne abaque (Eu ajudo um bom ábaco)”. (FOUCAULT, 1999, p. 37). Que haja um critério, desvio morfológico ou rima; que seja preciso adotá-lo para que a linguagem cumpra com a riqueza de seu potencial requer, no procedimento literário, que a razão o incite ou o reconheça. Roussel, cuja biografia revela angústias, traços de loucura, tem em sua obra o segredo de sua razão. Foucault diz: “O leitor pensa reconhecer os descaminhos sem fim da imaginação, ali onde só

4 “A semente do limão, a paixonite do ajudante do padeiro; o gancho e o lúcio; campainha e patranha; o lugar das espinhas sobre as máscaras dos belos louros favoritos; o lugar dos distintos vermelhos sobre as lapelas, etc” (FOUCAULT, 1999, p. 20).

existem os acasos da linguagem tratados metodicamente.” (FOUCAULT, 1999, p. 33). E ainda: “A obra de Roussel – e é uma das razões pela qual ela nasce na contracorrente da literatura – é uma tentativa para organizar, segundo o discurso menos aleatório, o mais inevitável dos acasos.” (FOUCAULT, 1999, p. 34).

A obra de Roussel está na contracorrente da literatura porque, em geral, a literatura tornou-se uma experiência pensada como contradiscurso, como recuperação da excelência velada da linguagem, acesso à origem perdida, à “pérola no fundo do mar”, sob o paradigma, portanto, da obra de Hölderlin, em que a poesia é renovação da origem, dívida com o passado e não abrupta originalidade. Na contracorrente da literatura, que é contradiscurso, a análise da obra de Roussel aproximou ao máximo o pensamento de Foucault da imanência do discurso, quando este ainda era para ele alegórico diante da linguagem, e quando esta, estratificada, devia se manter sob o domínio do tempo. Esta é a fantástica tensão deste recuo: encontrar, no desvio da forma, a linguagem do espaço, *Tópos e Trópos*.

Bibliografia:

HEIDEGGER, Martin, *A caminho da Linguagem*, trad. M. S. C. Schuback, Petrópolis: Vozes, 2004.

HEIDEGGER, Martin, *Ser e tempo*, trad. M. S. C. Schuback, Petrópolis: Vozes, 2000.

HEIDEGGER, Martin, *Sobre o humanismo*, trad. E. Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HÖLDERLIN, Friedrich, *Hipérion ou o heremita na Grécia*, trad. E. J. Paschoal, São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, trad. S. T. Muchail, São Paulo: Martins fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel, *História da loucura na idade clássica*, trad. J. T. Coelho Neto, São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel, *Raymond Roussel*, trad. M. B. Motta e V. L. A. Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel, “A linguagem ao infinito” em *Ditos e escritos*, v. 3, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel, “Dizer e ver em Raymond Roussel” em *Ditos e escritos*, v., 3, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel, “O não do pai” em *Ditos e escritos*, v. 1, trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel, “O que é um autor?” em *Ditos e escritos*, v. 3, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel, “Prefácio à transgressão” em *Ditos e escritos*, v. 3, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.